



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o Presidente da França, Nicolas Sarkozy  
Paris-França, 07 de julho de 2009**

**Presidente Sarkozy:** (em francês)

**Presidente:** Primeiro, eu tive a oportunidade de falar com o presidente Sarkozy e foi uma prestação de solidariedade recíproca porque ele me prestou solidariedade pelos brasileiros mortos e eu prestei solidariedade pelos franceses mortos. Tinha mais de 20 nações dentro daquele avião. Eu disse ao presidente Sarkozy que quando eu venho à Europa, normalmente eu passo pelo mesmo lugar que aquele avião passa e é verdade que existe, depois que termina o espaço aéreo controlado por Recife, nós temos um espaço que a gente não consegue falar com ninguém. Na semana passada, quando a gente vinha voltando da reunião na Líbia, eu pude constatar que a gente tem um espaço vazio, e fico muito feliz que o governo francês já está tomando a atitude de visitar Dakar e ver se é possível ajudar a melhorar o sistema de controle. Obviamente que... certamente não foi por isso que o avião caiu. Não se sabe ainda. Foi um fato lamentável. Eu espero que a gente passe uns três séculos sem ver um outro acidente desses.

Em segundo lugar, [quero] dizer para vocês que as relações entre a França e o Brasil que, tradicionalmente são relações muito harmônicas e relações muito produtivas, estão ficando cada vez mais harmônicas, cada vez mais eficazes e cada vez o governo francês e o governo brasileiro se convencem de que nós precisamos trabalhar juntos muitos temas que hoje preocupam e inquietam a humanidade. A começar da crise econômica, nós temos pontos de vista comuns, atuamos muito fortemente no G-20, em Londres. Certamente amanhã vamos ter uma atuação com concordância de



pontos de vista semelhantes – está explicitado no arquivo que foi publicado nos jornais na França e no Brasil – e eu acho que assim nós vamos construindo uma dinâmica para que as discussões sobre a crise econômica não caiam no esquecimento, ou seja, aqueles que esperam que, por si só, sejam resolvidas para ficar tudo como está. Nós queremos que o sistema financeiro seja, definitivamente, fiscalizado e a gente possa ter monitoramento. Nós queremos que os paraísos fiscais deixem de existir porque não tem sentido, a economia precisa ser muito aberta e muito dinâmica, e eu penso que nós vamos construir junto com outros países uma lógica importante para que, no G-20, a gente possa acompanhar o funcionamento correto da crise econômica. Nós sabemos que, em uma crise econômica dessa magnitude, quem sofre mais são os países mais pobres, sobretudo aqueles que não têm o estado de bem-estar social, que não têm garantias, o povo sofre muito mais do que nos países que têm uma rede de proteção social para o seu povo.

Também estamos de acordo com a necessidade de fortalecer a relação Brasil e França no que diz respeito à indústria de defesa. Todo mundo sabe os interesses do Brasil, as conversas que temos tido com o governo francês, as visitas do ministro Nelson Jobim várias vezes, aqui, a Paris, a visita dele aqui novamente, do dia 10 ao dia 14, e nós esperamos poder concluir alguns acordos já na visita do presidente Sarkozy, no dia 7, como convidado especial para o Dia da Independência.

Eu quero agradecer o carinho com que o presidente Sarkozy me trata todas as vezes em que eu venho aqui. Posso lhe comunicar que o ano da França no Brasil está indo muito bem. Acho que... Eu, cada vez mais, reconheço o porquê dessa relação tão primorosa entre Brasil e França, porque os franceses gostam do Brasil e porque os brasileiros gostam dos franceses. Eu acho que nós poderemos, juntos, fazer muita coisa. Acho que tem um espaço imenso para ser trabalhado com o Brasil e com a França. Nós queremos ter acesso aos conhecimentos científicos, tecnológicos e em várias



áreas que a França tem. Queremos construir parcerias, queremos trabalhar, os dois países juntos, com a África. Nós achamos que o século XXI é o século que os países vão ter que fazer a diferença, ajudando o continente africano a não ser mais o sétimo continente mais pobre do Planeta. Eu estou convencido, propus ao presidente Sarkozy que os dois ministros das Relações Exteriores façam uma conversa, primeiro entre os dois, para estabelecer alguns países que nós vamos privilegiar e que tipo de políticas nós vamos fazer lá.

Vamos viajar daqui a pouco para a Itália e esperamos lá, com os nossos parceiros, fazer avançar um pouco essa nossa posição de mudança no mundo. Nós já temos (incompreensível) de que a ONU precisa ser reformulada, e nós sabemos que isso não é uma coisa simples, porque tem gente que não quer e tem gente que tem preocupações. Mas nós estamos convencidos de que se a ONU tivesse uma representação legítima dos continentes e da nova geografia político-econômica mundial, possivelmente muitas coisas tivessem sido resolvidas com muito mais rapidez.

Eu disse ao presidente Sarkozy que lá no Brasil nós temos uma lei que permite aos trabalhadores trabalharem aos domingos, em cada cidade, se eles fizerem acordo com os sindicatos, e nós temos dezenas de acordos feitos com os trabalhadores que, por conta disso, trabalham, sobretudo numa cidade turística. Eu não posso imaginar uma cidade turística como Paris... Se um brasileiro só pode vir aqui no sábado e no domingo, pegando o avião na sexta-feira para voltar na segunda, um brasileiro não vai conseguir comprar nada. Só o (incompreensível) que já é velho conhecido aqui, deve comprar.

Agora, o que eu acho importante, Sarkozy, e é muito importante que a gente envolva os trabalhadores nessa discussão, sobretudo procurar os sindicatos e dizer: olha, vai gerar mais empregos, vai possibilitar... (incompreensível), no Brasil essas coisas aconteceram porque os sindicatos concordaram e eu sei que não é fácil, é sempre uma briga, é sempre uma luta. Mas, como eu fui muito tempo sindicalista, possivelmente as coisas fiquem



mais fáceis nas minhas conversas.

De forma que eu quero agradecer, mais uma vez, ao Sarkozy, aos seus ministros, pelo carinho e tratamento que têm dado aos brasileiros. Daqui a pouco eu vou conversar com o homem que tem voto nas Olimpíadas aqui, o representante e delegado francês que vota para escolher qual a cidade que vai sediar as Olimpíadas, e eu espero que os franceses tenham toda a solidariedade com o Brasil que o Brasil tem com a França.

**Jornalista:** (em francês)

**Presidente Sarkozy:** (em francês)

**Jornalista:** A pergunta é para os dois presidentes, um pouco tem a ver com o Irã também, um pouco com governança global. Há a sensação de que dois episódios muito recentes, a eleição no Irã e o golpe em Honduras, criaram uma situação de impotência da comunidade internacional. A França reagiu com críticas duríssimas ao comportamento das autoridades iranianas. O senhor mesmo ontem, ao lado do primeiro-ministro Gordon Brown, chegou a dizer que o povo iraniano merecia coisa melhor do que os seus atuais dirigentes, o que aliás parece haver uma divergência importante com o presidente Lula, que de alguma maneira legitimou o resultado eleitoral. E em Honduras, a comunidade internacional inteira critica, pede a volta do presidente legítimo. Mas tanto no Irã como em Honduras continuam ambos... as situações criticadas. O que a comunidade internacional pode fazer adicionalmente para resolver esse quadro, já que um dos assuntos que os senhores trataram foi exatamente a governança global?

**Presidente:** Eu não acredito que haja discordância entre o pensamento soberano de um país como a França e o pensamento soberano de um país



como o Brasil. O que eu tenho dito sobre as eleições no Irã? Houve uma eleição, um cidadão teve 62% dos votos e o outro cidadão teve 38% dos votos. Até agora não se provou, absolutamente, que houve qualquer ato ilícito no processo eleitoral. O que nós condenamos de forma veemente foi a violência aplicada contra as pessoas que estavam se manifestando. Ora, se a Justiça ou qualquer fórum estabelecido – que não existe esse fórum – para fiscalizar, comprovar que as eleições no Irã foram eleições fraudulentas, que houve roubo, não sei das quantas, ora, a comunidade internacional pode pedir que haja novas eleições no Irã. Até agora não houve. Então, o que o Brasil respeita é o resultado de cada eleição, de cada país, até que se prove o contrário. Eu já vivi esse episódio em outros países da América do Sul, em que se levantava suspeitas contra A e contra B, e o dado concreto é que não se provou que tinha havido fraude. Com relação a Honduras, veja, a comunidade internacional não pode ser uma comunidade intervencionista, ou seja, a cada coisa você faz uma intervenção. Eu acho que com relação a Honduras houve uma decisão unânime, praticamente, do mundo inteiro, a OEA tomou uma decisão, e agora nós temos que aguardar porque tem um processo de maturação entre a decisão e a gente resolver o problema do Irã [de Honduras]. O que fica claro é que nós não reconhecemos aqueles que estão no governo, os reconhecemos como golpistas. Não adianta ele dizer que vai convocar eleição, porque ele não tem legitimidade para convocar eleição. E a única coisa que nós aceitamos é a volta do presidente Zelaya ao governo, para que ele tome as decisões que tiver que tomar. Nós não podemos mais, na América Latina, depois da experiência das décadas de 60 e 70, a gente achar que golpe militar resolve alguma coisa. Não resolve. O que resolve é a democracia. E Honduras vivia em um regime democrático, um presidente eleito democraticamente pelo povo. Eu penso que não há muito o que fazer se você não esperar o processo de maturação de cada decisão. O que foi importante para nós foi que a OEA, todos os países da América do Sul, inclusive os Estados Unidos, tomaram a mesma posição com



relação a Honduras. Isso é um fato inédito na história do nosso continente.

**Jornalista:** (em francês)

**Presidente:** Primeiro, as cooperações (incompreensível) países está funcionando de forma extraordinária. Segundo, nós estamos fazendo a coisa da forma mais profissional possível porque não é fácil, depois de 20 dias, você fazer o DNA, tivemos que fazer a coleta das informações na França, tivemos que fazer a coleta das informações no Brasil. Mas eu acho que o trabalho foi primoroso, o Brasil parou, depois de ficar vários dias sem encontrar nenhum corpo, nós chegamos à conclusão de que não era possível mais aparecer nenhum corpo, porque foram quase 30 dias em alto-mar tentando encontrar restos do avião e corpos. Lamentavelmente, nós encontramos 51 corpos, e o trabalho está sendo feito da forma mais profissional possível. Aqueles corpos que forem dos franceses irão para a França, aqueles que forem de brasileiros ficarão no Brasil, os que forem da Alemanha vão para a Alemanha, ou seja, não há o que esconder. A única coisa que nós queríamos descobrir, que está escondida, é a caixa-preta do avião que, pela profundidade, talvez a gente tenha muita dificuldade de achar. Ali é uma região montanhosa no fundo do mar, tem áreas de profundidade de quase 4 mil metros de profundidade, é muito difícil. Mas de qualquer forma, eu quero elogiar o trabalho conjunto do Brasil e da França, porque foi um trabalho excepcional, ou seja, nós ficamos lá praticamente todo o tempo em que, cientificamente, se provou que não era possível encontrar mais corpos. Mais uma pergunta.

**Jornalista:** (incompreensível) crise com alguma profundidade maior, mas hoje o Brasil, a bancada do PT no Brasil vai se posicionar com relação à crise democrática que nós temos. Uma crise democrática (incompreensível) instituição democrática. O senhor conversou com a bancada do PT, o senhor



orientou a bancada do PT sobre como se posicionar com relação à crise no Senado?

**Presidente:** Olhe, primeiro, eu, quando voltar na sexta-feira para o Brasil, a partir da segunda eu começo a discutir a crise, que eu não vejo crise. Eu, sinceramente, não sei como alguém pode tratar de crise uma divergência dentro do Senado. Ali eles vão resolver como já resolveram tantas outras coisas que aconteceram. E queria te dizer o seguinte: é que você não conhece a força de um senador. Coitado do presidente da República, para dar conselho para um senador, ou seja, é quase humanamente impossível. A bancada do PT vai agir da melhor forma possível. Eu estou tranquilo de que não existe crise, existem denúncias que têm que ser apuradas e apresentado à opinião pública o que é verdade e o que não é verdade, só isso.

Um abraço.

(\$31DGJLMQ)